PQ
9224
R636

Rodrígues, José Maria.
Sôbre a interpretação de um passo
de "Os Lusíadas" (I, 6-7).

Digitized by the Internet Archive
in 2024

https://archive.org/details/sobreinterpretac0000unse

UNIVERSITY OF ARIZONA LIBRARY

Dr. JOSE' MARIA RODRIGUES

Sôbre a interpretação de um passo de "Os Lusíadas" (I, 6-7).

SEPARATA DA
REVISTA DE CULTURA
(Num. 41 — 20 de Maio de 1930)

Rua do Catete, 160 — Rio de Janeiro

PQ
9224
R636

Dr. JOSE' MARIA RODRIGUES

Sôbre a interpretação de um passo de "Os Lusíadas" (I, 6-7).

SEPARATA DA
REVISTA DE CULTURA
(Num. 41 — 20 de Maio de 1930)

Rua do Catete, 160 — Rio de Janeiro

Sôbre a interpretação de um passo de "Os Lusíadas", I, 6, 7

I

Dirigindo-se a D. Sebastião, diz-lhe Camões, na dedicatória do poema (C. I, est. 6 e segg.):

6 E vós, ó bem nascida segurança (1)
Da Lusitana antiga liberdade,
E não menos certíssima esperança
De aumento da pequena Cristandade;
Vós, ó novo temor da Maura lança,
Maravilha fatal da nossa idade,
Dada ao mundo por Deus, que todo o mande,
Para do mundo a Deus dar parte grande;

7 Vós, tenro e novo ramo florescente
De uma árvore, de Cristo mais amada
Que nenhuma nascida no Ocidente,
Cesárea ou Cristianíssima chamada
(Vêde-o no vosso escudo, que presente
Vos amostra a vitória já passada,
Na qual vos deu por armas e deixou
As que Êle para si na Cruz tomou);

67/68-P

1 — Grafia e pontuação da edição da Imprensa Nacional.

8 Vós, poderoso Rei, cujo alto Império
O Sol, logo em nascendo, vê primeiro;
Vê-o também no meio do Hemisfério,
E quando desce o deixa derradeiro;
Vós, que esperamos jugo e vitupério,
Do torpe Ismaelita cavaleiro,
Do Turco Oriental e do Gentio
Que inda bebe o licor do santo Rio:

9 Inclinai por um pouco a majestade
Que nesse tenro gesto vos contemplo,
Que já se mostra qual na inteira idade,
Quando subindo ireis ao eterno templo; etc.

Neste patriótico período, bem digno de figurar no grandioso pórtico de *Os Lusíadas,* tudo é corrente, ao menos para o leitor medianamente instruido, salvo um pequeno inciso da primeira estância, a oração "que todo o mande", por que termina o penúltimo verso (2).

¿Como analisar gramaticalmente esta bem pequena frase? Por outros termos: ¿Como apreender-lhe o sentido?

São várias as dúvidas que oferece a arrumação sintáctica das quatro vulgaríssimas palavras. a) ¿ Qual é o antecedente do "que"? Êste é mero pronome relativo, ou é partícula relativa-final, equivalente a "para que êle" como o "qui" latino, que por vezes corresponde a "ut is"? — b) ¿ Com quem concorda a palavra "todo"? ¿ E' simples adjectivo ou está empre-

---

2 — Em *As minhas viagens através e em volta de Os Lusíadas* contei o que se passou comigo. "Quando em 1876 terminei os estudos em Braga (tinha então 19 anos), conhecia da nossa epopeia nacional apenas os excerptos que vinham nas *Poesias selectas* de H. Midosi. Dava-se até a circunstância, se a memória me não falha, de, nem durante o curso do liceu, nem quando frequentei as aulas de teologia no Seminário, me ter sequer passado pelas mãos a obra primacial da nossa literatura. Os dois anos que depois vivi naquela cidade, antes de ir para Coimbra, aproveitei-os estudando os preparatórios do liceu que ainda me faltavam para a matrícula na Universidade, revendo alguns dos que já tinha feito e procurando travar relações com *Os Lusíadas,* na sua íntegra. Adquiri para isso um exemplar... e mãos à obra, com o firme propósito (o que era a inexperiência!) de não passar a nova estância, sem que a precedente ficasse compreendida. Até a 6ª do c. I não houve novidade de maior, mas no 7º v. desta surgiu-me um "que todo o mande", que não fui capaz de entender. ...Gastei uns poucos de dias à busca da solução dos problemas que o texto oferecia. Não achei nenhuma que me satisfizesse e senti uma impressão de desânimo bem desagradável. Continuei com a leitura, mas aquele espinho lá ficava. Iam aparecendo outras dificuldades, mas já não teimava. Ficavam para segunda leitura, para quando voltasse a I, 6, 7." (alestra publicada no *Quarto centenário do nascimento de Camões.* Lisboa, 1924). Só muitos anos depois, quando regressei aos estudos camonianos, é que consegui libertar-me da obsidiante dificuldade.

gado adverbialmente? — c) ¿A quem se refere o demonstrativo "o"? — d) ¿Qual é o sujeito de "mande"?

E passando à categoria da oração: ¿Exprime esta um facto, embora com o verbo no conjuntivo? ¿E' relativa final? ¿Enuncia uma deprecação? Por último: ¿Tem sob a sua dependência a oração infinitiva do verso 8.º, ou esta liga-se imediatamente com o particípio "Dada" do verso 7.º? ¿E será possivel fazer dela complemento do verso 8.º?

Estudemos as soluções que se têm apresentado.

A) Para alguns o "que" é mero pronome relativo, sem qualquer significação acessória; tem por antecedente a palavra "Deus" e é o sujeito de "mande". O pronome "o" reporta-se a "mundo" e "todo" concorda também com esta palavra, como simples adjectivo. E a oração relativa é como que um parêntese, pois o verso 8.º é complemento da 1.ª parte do 7.º

Mas nesta hipótese, como explicar o conjuntivo "mande"?

José Agostinho de Macedo atribui brutalmente êste modo verbal a êrro indesculpável de Camões, que se deixou arrastar pela força da rima. Ouçâmo-lo: "Seja muito embora imperiosa a necessidade da rima, esta nunca deve obrigar a infringir as leis da boa gramática, para se não autorizar ou exemplificar o uso de vergonhosos solecismos, em que os semidoutos tantas vezes pecam.

"Dada ao mundo por Deus que tudo (3) o mande".

Êste verbo devia estar no indicativo e não no conjuntivo e deve-se dar outro torneio ao verso, quando tão crassamente se erra a gramática" (4).

Garcez Ferreira tinha sido mais caritativo do que o malévolo e injusto censor de Camões. "Parece (comenta êle) que a rima obrigou a dizer *o mande*, devendo ser *o manda*, referindo-se ao mundo; mas pode passar como uma deprecação" (5).

Gomes de Amorim não dá muito pelo que êle chama a "saída" de Garcez Ferreira e prefere abertamente a opinião de J. A. de Macedo. "O *que todo o mande* — do v. 7, fatalmente o errou o poeta, porque o verbo deveria estar no indicativo. Contudo Garcez Ferreira acha-lhe a seguinte saída" (e transcreve as palavras que ficam citadas) (6).

---

3 — Decerto, por lapso de cópia ou de revisão, "tudo", em vez de "todo".

4 — *Censura das (!) Lusíadas, Lisboa, 1823.* T. I, p. 24.

5 — *Os Lusíadas... ilustrados com várias e breves notas. Napoles, 1731. Roma, 1732.*

6 — *Os Lusíadas... Edição crítica e anotada.* T. I, p. 189.

Não é preciso observar que a hipótese do êrro — e êrro-intolerável — de gramática, tratando-se de Camões, está excluida *in limine*.

Com a deprecação ("o qual oxalá mande todo o mundo"), o verbo estaria bem, mas surgem outros inconvenientes.

¿Havemos de considerá-la como isolada do v. 8.º? Neste caso, Camões pediria a Deus que mandasse todo o mundo, pedido despropositado e inconciliável com o conceito que devemos formar dos atributos divinos.

¿Liga-se com aquêle verso? Fazemos então dizer ao poeta: Deus mande todo o mundo (como realmente manda),

Para do mundo a Deus dar parte grande.

Mas assim vamos de encontro ao contexto, pois por êle se vê que quem deve dar a Deus grande parte do mundo é D. Sebastião, e não o próprio Deus.

Note-se ainda que, se o pronome "o" estivesse em vez de "mundo", mal se compreende como esta palavra reaparece no v. 8, onde vantajosamente poderia ser substituida, dizendo-se, por exemplo:

Para que dêle a Deus dê parte grande.

E o mesmo inconveniente se daria com a palavra "Deus", repetida no 8.º verso.

B) A outro processo de análise gramatical se tem ainda recorrido. O antecedente do "que" não é "Deus", mas a "maravilha fatal" do v. 6.º, isto é, D. Sebastião, e a frase é relativa final: "para que êle mande todo o mundo".

Continua a abundância de "mundos" e os três últimos versos da estância formariam um longo parêntese. Mas isto é o menos.

Como é que o poeta soube que D. Sebastião foi investido por Deus na missão de mandar todo o mundo, de submeter ao seu império não só os muçulmanos e gentios de todo o orbe, mas as próprias nações cristãs da Europa? E isto afirmado em uma dedicatória ao monarca, escrita para ser tomada a sério!

Para atenuar ou fazer desaparecer a falta de senso ou a baixa lisonja que, nesta interpretação, seria necessário atribuir ao poeta, tem-se recorrido a mais de um processo.

Assim, o professor Epifânio Dias observa a respeito dos versos 7 e 8 da est. 6.ª: "O pensamento contido nos dois versos é que Deus quer que D. Sebastião impere em tôdas as partes do mundo, para assim dilatar o império da Fé cristã, ainda tão resumido" (7).

---

7 — *Os Lusíadas comentados*, 2ª. *ed.*, Pôrto, 1916.

Mas "mandar todo o mundo" não corresponde precisamente à expressão equívoca "imperar em tôdas as partes do mundo", que pode também querer dizer: "possuir territórios em tôdas as partes do mundo", o que seria exacto a respeito do monarca português. O texto não diz: "que em todo mande", mas "que todo o mande", o que faz não pequena diferença.

Um pouco vaga é também a versão de Gomes de Tapia:

A quien el mundo todo Dios reparte
Porque del mundo a Dios le de gran parte. (8)

Outros tradutores são mais radicais e, fazendo uso do conhecido provérbio italiano, disfarçam ou eliminam pura e simplesmente as palavras comprometedoras do texto camoniano. Alguns exemplos:

Dada al mundo por Dios, Rey sin segundo,
Para que a Dios gran parte deis del mundo.
Conde de Cheste.

... Il cielo a questi ti mandò soggiorni,
Onde di lor gran parte al Cielo torni.
Nervi.

To govern worlds of men by God so given,
That the world's best be given to God and Heaven.
R. Burton.

C) Filinto Elísio paraíraseou por esta forma o problemático passo: "Deseja o poeta que el-rei D. Sebastião conquiste o mundo, dê a fé de Cristo aos conquistados e assim dê a Deus, nos idólatras e nos hereges convertidos, grande parte do universo, e dêsse modo Deus todo o mande, como manda e governa o reino de Portugal e os mais povos católicos" (9).

Neste comentário entra duas vezes a oração "que todo o mande". Primeiramente é optativa e o antecedente de "que" é a "maravilha fatal", é D. Sebastião, "que oxalá mande todo o mundo". E êste todo o mundo não é o mundo todo, mas sòmente o que não professa a fé católica. Mas depois aparece-nos a mesma oração fora do seu lugar, como conseqüência do con-

---

8 — *La Lusiada* (!)... *traducida ... por el Maestro Luys Gomes de Tapia... En Salamanca... 1580.*

9 — Veja-se na Camoniana da Biblioteca Nacional de Lisboa o nº. 150 preto. E' um exemplar da edição de *Os Lusíadas*, publicada em Paris, em 1859, pelo Dr. Caetano Lopes de Moura, para o qual José Feliciano de Castilho transcreveu, no Rio de Janeiro, as emendas e anotações do manuscrito de *Os Lusíadas* que o pobre exilado de Paris teve a triste lembrança de querer fazer passar como cópia de outro que provinha do próprio Camões. Cf. Brito Aranha, *A obra monumental de Luis de Camões*, I, p. 140 e segg.

ceito expresso no verso 8º.; o "que" é conjunção consecutiva, o sujeito é "Deus" e "todo o mundo" continua a ser só parte dêle: "dada ao mundo por Deus, para do mundo a Deus dar parte grande, de modo que Deus todo o mundo (não católico) mande", do mesmo modo que manda o católico.

E' escusado fazer a crítica da embrulhada explicação. Basta expô-la.

II

Donde provêm tantas dificuldades na análise gramatical e na interpretação de um simples inciso? Qual a causa dêste amorfismo, que faz se volatilize o sentido de tão poucas e tão correntes palavras, quando pretendemos apreendê-lo? E' que falta aqui algum elemento essencial, que deve constituir, por assim dizer, a forma dêste agregado de vocábulos; que deve fixar o vago apresentado pelo texto no estado actual.

A primeira tentativa para decifrar o enigma data de 1613. Apresentou-a Manuel Correia, lendo no 7º. verso: "Dado ao mundo por Deus" (10), talvez para ligar o pronome "o", complemento de "mande", com o "novo temor", com D. Sebastião: "Dado ao mundo por Deus", que oxalá o mande todo com a missão de converter grande parte do mundo".

Mas a correcção não vingou e se Faria e Sousa a reproduz no comentário, (11) como se viesse no texto, neste não se afasta da lição das primeiras edições.

E' certo que a forma masculina do particípio nos faría remontar ao "novo temor" do verso 5º. e tornaria possível (12) a referência de "todo o" a D. Sebastião: mas para isso seria necessário passar por cima do 6º. verso, que formaria um parêntese, o que o contexto não permite. Êste verso, com efeito, está íntimamente ligado com o 7º., em cuja primeira parte se acha a explicação do epíteto "fatal", sinónimo aqui de "providencial": D. Sebastião foi-nos miraculosamente concedido pelo Destino, por Deus, para nos assegurar a independência, que

---

10 — *Os Lusíadas do grande Luís de Camões··· Lisboa, 1613.* O comentário não procura justificar a emenda; nem sequer a apresenta como tal, mas limita-se a esta explicação: "Quasi alcançado por importunações, o que parece declara naquelas palavras, *dado*".

11 — *Lusíadas de Luís de Camões... Comentadas* (!) *por M. de F. e Sousa... Madrid, 1639.* Em nota: "*Dado*". "Aqui muestra claramente como el Rey D. Sebastian fue concedido a Portugal casi milagrosamente, porque se hicieron singulares devociones para alcançalo" etc. E nem uma palavra a respeito da variante *Dado*, que a nota atribui ao texto.

12 — Não fica, porém, excluida a interpretação "dado ao mundo por Deus, para que mande todo o mundo".

tamanho perigo corria (13), e oxalá que venha também investido da alta missão de converter ao cristianismo grande parte do mundo, isto é, os muçulmanos e os gentios com que os portugueses se achavam em contacto.

Foi por isso que nas *Fontes de Os Lusíadas* (14) procurei resolver o problema por outra forma.

Camões teria escrito:

> Vós, ó novo temor da Maura lança,
> Maravilha fatal da nossa idade,
> Dada ao mundo por Deus (que toda a mande
> Para do mundo a Deus dar parte grande) etc.

Melhor me parecia "todo vos mande", pois desta maneira se fazia mais depressa a ligação com o "Vós" do 5º. verso, como que suspensa por continuados de género e número diferentes ("temor" e "maravilha"); mas não o permitia o pronome "vos", que não cabia no verso.

Leituras posteriores, porém, mostraram-me no "Palmeirim de Inglaterra", obra tão manuseada por Camões (15), dezenas e dezenas de passos em que o castelhano "os" exerce as funções do nosso "vos", e até por vezes alterna com êste. Assim, logo no capítulo I se encontra êste trecho (16):

"Bem sey que isto *vos* ha de doer tanto, como a mĩ a paixã que de minha perda tereis; e se esta prisam, em que me vejo, estivera em parte que me deixara ver*vos*, por ardua que fora, vivera contente; mas estou onde nam espero sayr, e co*m* esto perco a esperança de poder*vos* ver; aconselhay-me que faça; sem vós nam tenho vida; e com quanto sey que este cuidado vos durará pouco, porque elle me matará cedo, ey medo

---

13 — Na écloga 1ª., uma das ninfas que estão envolvendo em ricos panos um novo infante, apartando-se das outras e aludindo àquele "penhor caríssimo",

> Diz mais que, se encontrar êste menino
> A noite intempestiva amanhecendo,
> O Tejo, agora claro e cristalino,
> Tornará a fera Alecto em vulto horrendo;
> Mas que, a ser conservado do Destino,
> As benignas estrelas prometendo
> Lhe estão o largo pasto de Ampelusa
> Co monte que em mau ponto viu Medusa.

14 — *Instituto* de 1907, p. 632; separata, p. 214.

15 — Veja-se o cap. XI das *Fontes de Os Lusíadas*.

16 — Ed. de 1786, t. I, p. 8. Na prefação, § 3º., diz o editor: 'Podemos segurar aos nossos leitores que se não perdoou a trabalhos ou despese para que (a presente edição) saísse com a perfeição possível. E' fielmenta

que depois de morto sintã o que de mi vos ficar. Certo he que nunca me vi em nenhum perigo, que soo trazerros a memoria me nam saluasse delle; mas este em que estou, estaua guardado para mĩ e para vós; e por isso me nã valestes; antes agora que mais *vos* auia mister pera amparo dambos, me acho desacompanhado de tudo". Como se vê cinco "os" contra dois "vos" (17).

E levaram-me também essas leituras à conclusão que formulei nestes termos:

"Em *Os Lusíadas* não há só a colaboração dos poetas, dos cronistas, dos historiadores, dos eruditos, dos mestres da língua, que precederam o poeta ou foram seus contemporâneos. Também aí se acham intencionalmente arquivadas muitas particularidades de fonética, de construção gramatical, de ortografia, de métrica, que nêles ocorriam. Isto é: *Os Lusíadas* são ao mesmo tempo um poema e um museu; são um monumento duplamente nacional, erigido pelo génio do poéta, para glorificar a pátria, com materiais buscados principalmente em obras portuguesas" (18).

A priori não nos deve portanto causar estranheza que o poeta desse entrada na epopeia ao castelhanismo *os*, que tantas vezes encontrou no *Palmeirim de Inglaterra.*

Foi o que fêz também ao verbo "estregar" (almofaçar), castelhanismo de que se conhece outro exemplo em escritor português (19).

E que êle usou de *os* por *vos* em I, 6, 7, mostra-o plenamente o facto de não se poder dar uma explicação aceitável ao "que todo o mande", sem recorrer a esta hipótese, que assim perde o carácter provisório e adquire os foros de explicação definitiva.

Sem ser obrigado pela rima e colocando-o no princípio do verso, para ficar protegido pela inicial maiúscula, também Dio-

---

impressa sobre o exemplar gótico da 1ª. edição... Não se lhe alterou cousa alguma... Para facilitar mais (a leitura), se introduziram algumas letras ou sílabas onde pareceu conveniente, mas isto com muita moderação e em caracteres diversos, para que logo à primeira vista se conhecesse o que era alheio a Palmeirim". E' por isso que "os" por "vos" aparece quási sempre com o "v" itálico. Foram poucos os casos em que o editor de 1786 deixou de acrescentar esta letra.

17 — Neste lugar, por exemplo, esqueceu-se o editor de antepor *o v* a *os:* "Tenho (desconfiança) de vós, que vos quero muyto grande bẽ, e cada vez qu'os vejo se m'acrescenta de nouo" (t. III, p. 155).

18 — *Introdução à edição fac-simile de OS LUSIADAS, publicada pela Imprensa Nacional,* § 6º.

19 — Canto VI, est. 38. «Jo, que te estrego, burra de mi suegro!" diz ao manhoso Sancho Pança uma das lavradeiras que acompanhavam a que êle fez acreditar a D. Quixote ser a Dulcinea. *D. Quixote*, 2ª. p., cap. 10.

go Bernardes não teve dúvida em dar foros de português ao pronome *os*, no seguinte soneto, endereçado "aos cabelos da barba que D. João de Castro, viso rei da Índia, empenhou à cidade de Goa":

Despojos do mais forte e valeroso
Capitão que se viu em nossa idade,
Ornado de alto aviso e de bondade,
No conselho e nas armas venturoso:
Um templo vos consagro sumptuoso,
Se por obras não posso, na vontade,
O penhor da virtude e da verdade.
Assim como troféu de honra e de glória,
Os devem venerar os que procedem
Do tronco donde vós fostes cortados,
Por seus ilustres feitos, que precedem
A quantos dignos são de clara história,
Dos presentes herois e dos passados (20)

Mas como desapareceu a lição que devia estar no manuscrito do poeta, para ser substituida por outra, que tão complicado tornou o texto?

Podia ser um êrro de imprensa. Se não são muitos, alguns escaparam na 1ª. edição do poema (21).

Podia ser também uma emenda propositada, feita durante a impressão e devida ao revisor (22), que acharia estranho o pronome castelhano. E o poeta não teria ocasião de a desfazer, pois não era costumada aos autores a revisão das próprias obras, que tinham de conformar-se com o manuscrito aprovado pela Inquisição.

Mas a outra explicação se pode ainda recorrer e que julgo ser a verdadeira. No manuscrito de *Os Lusíadas*, depois que saiu do poder do poeta e antes de ser entregue ao editor, fizeram-se várias emendas, decerto na melhor das intenções, mas que ficaram sendo outros tantos erros ou dislates. Assim, por exemplo, em III, 65, 5, a fonte utilizada por Camões mostra que é preciso ler:

(Sentiu-o Palmela e viu-o a serra dela) (23).

---

20 — *Rimas várias*. Lisboa, 1596. Fl. 98 (aliás 89). *Várias rimas*, Lisboa, 1622, no fim.

21 — Cf., por ex., II, 7, 8:

Os que Cristãos, que só tanto ver desejam.

22 — São inúmeras as alterações feitas no texto da 1ª. edição de *Os Lusíadas*, a pretexto de o corrigir ou melhorar. Veja-se o *Aparato crítico* da edição facsimilada do poema.

23 — Do assunto me ocupei desenvolvidamente em *Dois versos de Os Lusiadas. Tentativa de reconstituição do texto primitivo*. Lisboa, 1911. Cf. o *Boletim da 2ª. classe da Academia*, vol. 4º.

Em IV, 54, 1, o poeta não podia deixar de ter escrito "único herdeiro". (24)

Em V, 5, 4, é impossível que contrapusesse *nome* a *fama*, pois as duas palavras formavam uma das parelhas de sinónimos, correntes no português e no castelhano (25). Aproveitando o *a* final do verso anterior, como faz em outros casos (III, 10, 2-3; IV, 29, 7-8, etc.), devia ter redigido assim o verso:

Mais célebre por nome e pela fama.

Em VI, 18, o último verso tinha com certeza a copulativa:

As costas, e coa casca os caramujos (26).

Em VII, 77, 1, o plural *Gamas*, que por tanto tempo não foi emendado, é um êrro em que o poeta não incorreria, pois sabia muito onde Vasco da Gama se achava nessa ocasião.

Em VIII, 3, 6, de *Lísio*, que o contexto e o lugar paralelo de III, 21, exigem, fizeram *Elísio*, que não tem explicação possível, aplicado ao campo que se estende do "Douro ao Guadiana" (27).

E para coroar a obra, em IX, 21, 6, que no manuscrito não podia deixar de ler-se

De África e de Ásia co terreno seio,

sublinharam as primeiras palavras *(De... Ásia)* e puseram a nota marginal: *Da primeira* (isto é, da África), que o compositor meteu no texto em vez daquelas palavras.

E ficou o estranho enigma, bem conhecido de todos os que têm lidado com o poema (28).

---

24 — O que o poeta leu na respectiva fonte (*Crónica de Rui de Pina*) foi que D. Duarte deixou, legítimos, dois filhos e quatro filhas; que D. Afonso V era o "primogénito herdeiro" e que o filho segundo, D. Fernando, foi jurado por herdeiro de D. Afonso, se êste não tivesse filho legítimo. De "primogénito herdeiro" tirou Camões o "primo herdeiro", que necessàriamente se lia no manuscrito do poema.

25 — Cf. a elegia *Depois que Magalhães:*

...quem por armas resplandeça
No largo mundo com tal nome e fama.

D. Quixote vai correr o mundo atrás de aventuras, para cobrar "eterno nombre y fama" (1ª. p., c. 1).

26 — Ler: A's costas. A supressão do "e" deixou o verso errado emquanto à métrica e tornou inexplicável a repetição da palavra "camarões".

27 — O texto "Do Douro, Guadiana" deve ler-se: Do Dourò G.", por "Do Douro ao G."

28 — Tratei do assunto no opúsculo *Dois versos* etc., há pouco citado.

Ora a substituição do primitivo *os* por *o* em I, 6, 7, deve ter a mesma origem. Eliminava-se o castelhanismo (29) e o sentido não sofria alteração, pois o novo pronome podia ainda referir-se ao "temor" do verso 5º.

Sôbre o presumível autor destas e doutras pretensas emendas escrevi algures: "O manuscrito de *Os Lusíadas* foi visto, por mandado da Inquisição, por Fr. Bartolomeu Ferreira, que nada encontrou no poema que precisasse de ser emendado, para se permitir a sua publicação. Mas, se nada teve que corrigir como revedor daquele tribunal, alguns passos, é convicção minha, julgou que precisavam de ser modificados, para que o poema, no seu entender, ficasse mais perfeito. E fêz isto, porque talvez o poeta assim lho houvesse pedido, com o pensamento reservado de lhe captar a benevolência e de assim evitar cortes ou alterações que qualquer censor um pouco severo podia julgar indispensáveis" (30).

E até não julgo descabida a hipótese de que, para não dificultar a aprovação da obra, Fr. Bartolomeu Ferreira, houvesse sugerido a Camões o que, em uma ou outra estância, êste diz a respeito da mitologia. Basta confrontar X, 83-84 com o parecer que precede a primeira edição. Verdade é que o benévolo revedor se viu depois obrigado a penitenciar-se do seu optimismo. "O qual livro, assim emendado como agora vai, não tem cousa contra a fé e bons costumes e pode-se imprimir", escreveu êle no juizo que emitiu sôbre a mutiladíssima edição *dos piscos* (1584). Felizmente a primeira edição saíu-lhe das mãos apenas com algumas beliscaduras, mais ou menos dolorosas, feitas, aliás, na melhor das intenções e susceptíveis, me parece, de cura radical.

III

Na *Revista de Cultura*, do Rio de Janeiro (ano 3º., nº. 34, de outubro de 1929), publicou o Sr. Cónego Francisco M. de Sequeira um artigo intitulado *Lição que me parece errada*, em que se rejeita a emenda por mim proposta para *Os Lusíadas*, I, 6, 7, e se pretende manter a interpretação que apreciei sob a letra B).

---

29 — E' conhecida a guerra que se tem feito ao "estregando" de VI-39, 6. "A maior parte das edições, incluindo as melhores, corrigem para "esfregando" o manifesto êrro de imprensa" anota Reinhardstoettner, *Os Lusíadas*, edição de Estrasburgo, 1874. Introdução, p. XXXV. Gomes de Amorim preferiu mudar o *Mas estregando* para *Mal enxergando*.

30 — Cit. *Dois versos de Os Lusíadas*. Pág. 13-14. Em nota transcrevo uma oitava de Andrade Caminha, dirigida ao mesmo revedor, "com os seus versos para os examinar":

Para poderem ser de ti aprovados
meus versos, e de todos bem ouvidos,

Agradecidas as palavras amáveis por que principia a contestação do Sr. Cónego Sequeira, entremos no exame dos seus argumentos.

"Mandando ler *os* em vez de *o*, (J. M. R.) supõe duas coisas: 1) Que faltou um *s* em *o* (*s*); 2) Que o poeta quis empregar *os*, por castelhanismo, em vez de *vos*, já que êste pronome não cabia no verso. Ambas estas hipóteses me parecem descabidas. A primeira, porque, se *vos* não podia entrar no verso, *os* entraria perfeitamente e nada justifica a omissão do *s*. Não se apele para *êrro de imprensa*, pois a hermenêutica deve ater-se, quanto possível, ao texto existente.»

Paremos aqui uns momentos. A hipótese que se me atribui é um pouco diferente da que enunciei no *Aparato crítico* da edição fac-símile de *Os Lusíadas*, desenvolvi na *Revista de língua portuguesa*, do Rio de Janeiro (março de 1923), e sumariei na edição nacional do poema. Camões escreveu *os*, Fr. Bartolomeu Ferreira *corrigiu* para *o* e os leitores, editores e comentadores do poema é que têm sido as vítimas da desastrada tropelia.

Mas prosigamos. "A segunda hipótese também é inadmissível, porque o castelhanismo *os*, em vez de *vos*, só poderia ser provado se se conhecessem outros exemplos de Camões, pelo menos nos Lusíadas. Ora um *apax legomenon* tão extranho à nossa língua não se admite em escritor como Camões e não será com exemplos tirados de poetas menores (Diogo Bernardes) ou de obras literàriamente imperfeitas *(Palmeirim de Inglaterra)* que (J. M. R.) conseguirá justificar o seu asserto."

Comecemos pelo fim. Nas *Fontes de Os Lusíadas* escrevi um longo capítulo destinado a demonstrar a larga influência que a linguagem do *Palmeirim* exerceu sôbre a de *Os Lusíadas*. Da consideração em que era tido Francisco de Morais neste assunto falam os autores aduzidos pelo editor de 1786 no comêço do t. I (Pero de Magalhães de Gandavo, P. Baltazar Teles, Faria e Sousa). Não deixa igualmente de ser bem expresso o *Catálogo dos autores*, que precede o t. I (e único) do *Dicionário da Academia*, onde se lê a propósito do *Palmeirim*: "A sobredita obra é escrita com tanta pureza, correcção e elegância, que, segundo o parecer de Manuel de Faria e Sousa *(Europa Por-*

---

devem primeiro ser de ti emendados
com mão de amigo, e com cuidado lidos.
Serão com tua lima confiados,
com tua aprovação bem recebidos;
daquela ficarão cultos e puros;
com esta poderão correr seguros.

tuguesa, t. 3, p. 4, c. 9), aparecendo com ela seu autor, desvaneceu o resto de barbaridade, de que até a sua publicação havia muito na língua portuguesa e deu a esta de repente a melhor luz" (p. CLVII). Ouçamos, por fim, o cónego Dr. Fernandes Pinheiro: "A reputação de que outrora gozou (Francisco de Morais) e o apreço em que ainda hoje é tido pelos amadores da língua, obrigou-nos a não omití-lo na resenha que fazemos dos romancistas da terceira época, inventariando algumas das suas belezas" (31).

Quanto a Diogo Bernardes, pertence-lhe o primeiro lugar depois de Camões entre os nossos poetas do século XVI. Deixando os testemunhos citados por Barbosa Machado na *Biblioteca Lusitana,* transcreverei apenas algumas palavras do Dr. Fernandes Pinheiro: "*(O Lima)* é a sua melhor obra, e incontestàvelmente um dos monumentos da nossa literatura... Pura é ainda a sua linguagem; harmoniosos e fluidos os seus versos, apropriados os costumes e bem expressadas as paixões. Não menos feliz foi Bernardes no patético, revelando grande estudo do coração humano" (32).

Em boa companhia está, pois, Camões para usar do pronome "os" por "vos". E que o fêz mostra-o a impossibilidade de se dar um sentido aceitável ao passo de *Os Lusíadas,* no seu estado actual.

Enquanto ao castelhanismo *estregar* de VI, 39, se Fr. Bartolomeu Ferreira tem feito no manuscrito do poema a emenda a que não têm resistido muitos editores, mudando apenas o *t* para *f,* achar-nos-íamos hoje na impossibilidade de restituir o texto original, porque nos faltaria o ponto de apoio de que dispomos em I, 6, 7-8. Em VI, 39, teríamos um sentido aceitável, que nos não forçaria a buscar a lição primitiva. Esta ninguém a descobriria e muito menos faria aceitar.

Outra espécie que convém mencionar. Na écloga *As doces cantilenas,* v. 441, diz a primeira edição:

Outra, porque temera (33) o pátrio leito;

mas a segunda e todas as posteriores mudaram "temera" para "tentara". Ora se não fosse a fonte do poeta (34), ficaríamos sem saber: 1º.) que estava bem a edição *princeps*; 2º.) que "temera" é o verbo "temerar", o qual nada tem com "temer"; 3º.) que "temerar" é um latinismo que só aparece neste ver-

---

31 — *Curso elementar de literatura nacional, Rio de Janeiro, 1862,* p. 120.

32 — Ibidem, p. 38 - 39.

33 — Ler "teméra", macula, e confrontar com "intemerato".

34 — Ovídio, *Metamorphoses,* II, 591 — 593:

An quae per totam res est notissima Lesbon,

so de Camões e que ficou, por assim dizer, sepultado nos raros exemplares da 1ª. edição das *Rimas* e arriscado a desaparecer com êstes.

Tudo isto mostra a possibilidade de se ter perdido nos textos camonianos uma palavra usada só uma vez, um *apax legomenon*, ou outra que o não seja, e a legitimidade da sua reintegração, quando a justifiquem a deficiência do texto, a respectiva fonte ou outras circunstâncias imperiosas.

Outra objecção. "De conformidade com sua lição, (J. M. R.) apresenta uma interpretação que parece também contrariar o contexto, porque, fazendo-se "Dada ao mundo por Deus, que todo *vos* mande", não se compreende o subjuntivo *mande*, já que Deus *manda* sempre na criatura, e nem se explica o adjectivo *todo*, como se o poeta precisasse de dizer que Deus havia de mandar em D. Sebastião, não *parcialmente* mas *totalmente*".

Tudo isto se explica muito bem, se unirmos, como não pode deixar de ser, o verso 8º. com a segunda e não com a primeira parte do 7º.: "que todo *vos* mande para do mundo" etc. Exprime Camões o desejo de que Deus envie o novo monarca com a missão especial de converter à fé cristã os maometanos e os gentios com que os portugueses se acham em estado de guerra na África e na Ásia.

Em "que todo o mande" temos uma oração deprecativa, semelhante à do final dêste passo, em que António Ferreira insta com D. António de Vasconcelos para celebrar os feitos heroicos dos Portugueses, antecipando-se ao "pomposo Chérilo", a Camões, que para isso se preparava:

> Tardas, cruel, e em tanto
> Altos reis, altas armas, perdem nome.
> . . . . . .
> Quem há que a cargo tome
> As vitórias da fama e eterno espanto
> Dos reis passados, quais Deus sempre mande?
>
> (Ode 8ª. do l. I).

Veja-se também êste lugar da carta 8ª., l, I:

> ...O bom Sá Miranda (a quem os ceus mandem
> Cantar mil anos cá e então se entreguem
> Daquele raro espirito) etc.

Non audita tibi est? patrium temerasse cubile
Nyctimenen?

Ocupei-me do assunto na revista *A Língua portuguesa*, vol. I, fasc. 5.

O adjectivo "todo" na função de adverbio é corrente, tanto no português popular como no literário. E' uma herança do latim, que, entre outros adjectivos, fazia êste uso de *solus*, *totus*, *unus*, *nullus*, *universus*, *omnis*. "Modo venit Octavius mihi totus deditus" (Cicero, *Ad Atticum*, 14, 12, 2).

Prossegue a impugnação. "Sustentando a hermenêutica tradicional, isto é, referindo *o* ao substantivo *mundo*, e supondo *o* pronome pessoal da 3ª. pessoa, temos a paráfrase seguinte, mais consentânea com o texto recebido e o contexto da passagem: "Vós, maravilha fatal de nossos tempos, dada por Deus ao mundo para que *o mande todo* e assim, pela prègação do Evangelho, dar a Deus grande parte do mundo.. A passagem reporta-se à utopia da *monarquia universal* e é justamente isto que motivou a nova interpretação, .. pois J. M. R. não admite que Camões, espírito esclarecido, acreditasse numa monarquia universal, em benefício do pequeno Portugal e em prejuizo da Espanha, França, Inglaterra, e do Império".

Faço efectivamente a Camões a justiça de não lhe atribuir o insensato conceito de que Deus enviou D. Sebastião para *mandar todo o mundo*, para ser o rei de todo o orbe terráqueo. Não se trataria apenas de «uma monarquia universal, em benefício do nosso pequeno reino, e em prejuizo das outras nações cristãs da Europa", mas sim de um império, que absorvesse em si todos os estados do mundo, cristãos e não cristãos, fazendo-lhes perder a independência, tornando-os, pelo menos, vassalos de Portugal. E' o que querem dizer as palavras: *dada ao mundo por Deus, para mandar todo o mundo.*

Para atenuar os absurdos a que nos levaria esta interpretação, recorre o Sr. Cónego a duas observações: 1) "E' preciso notar que na estrofe seguinte I, 8, e no Canto VII, 14, o mesmo Camões já punha sob a jurisdição de seu rei quási todo o orbe conhecido".

2) "Espíritos mais esclarecidos do que Camões, por ex., Vieira, acreditavam na dita utopia, e os partidários da Casa de Áustria formavam com as cinco vogais *a, e, i, o, u* a frase: *Austriae est imperare orbi universo.* A essa utopia eram levados por certas interpretações erróneas dadas ao livro de Daniel, segundo as quais deveria existir um quinto império temporal no decorrer dos séculos".

Vejamos o valor destas asserções. 1º,), Do que se lê na est. 8ª. do C. I, acima transcrita, e na 14ª., do C. VII (35) não se pode por forma nenhuma inferir que "Camões já punha sob a ju-

risdição de seu rei quasi todo o orbe conhecido". Faltava só a bagatela de tôda a Europa, com excepção de uma pequena parte da Península hispânica; e para vermos o que ficava de fora nas outras partes do mundo, basta marcar, em uma carta geográfica, os pontos ou regiões onde tinham chegado os Portugueses com os seus descobrimentos e conquistas. E' muito; mas daqui a "quási todo o orbe conhecido" vai uma enormíssima distância. Mesmo que aos domínios de D. Sebastião se juntassem os que haviam pertencido a Carlos V, estávamos ainda muito longe do que supõe o Sr. cónego Sequeira.

2) A bem estranha utopia de Vieira nada tem com o pensamento expresso por Camões. Não coloquemos êste sob a alçada de parte das críticas que têm sido feitas àquele; não lhe atribuamos o que o simples bom senso lhe não permitiria escrever, isto é, que D. Sebastião foi dado ao mundo por Deus, para mandar todo o mundo (36).

E' conhecida a desoladora aberração em que resvalou o ilustre jesuita àcerca do chamado Quinto Império. Como as profecias do Bandarra que se julgava referirem-se a D. João IV, se não haviam realizado tôdas em vida dêste, sustentou o arguto polemista que o falecido monarca havia de ressuscitar e seria o primeiro chefe temporal de um estado que abrangeria todo o mundo e teria como chefe espiritual o papa. Por mais extraordinário que tudo isto hoje nos pareça, aí estão a confirmá-lo os textos emanados do próprio Vieira.

Assim, nas *Esperanças de Portugal, quinto império do mundo,* escreve êle ao bispo do Japão: ". .Por fim me ordena vossa senhoria que lhe mande alguma maior clareza do que tantas vezes tenho repetido a vossa senhoria da futura ressurreição do nosso bom amo el-rei D. João o 4º.... Resumindo tudo a um silogismo fundamental, digo assim: O Ban-

---

35 — Falando de Portugal, da "pequena Casa Lusitana", pondera Camões:

De A'frica tem marítimos assentos;
E na A'sia mais que tôdas soberana;
Na quarta parte nova os campos ara;
E, se mais mundo houvera, lá chegara.

36 — Pelo que respeita à comparação entre os dois altos espíritos, permita-se-me citar estas palavras de D. Quixote, 2ª. parte, cap. 1º: "Y ¿es posible que vuesa merced no sabe que las comparaciones que se hacen de ingenio a ingenio, de valor a valor,... son siempre odiosas y mal recebidas?"

darra é verdadeiro profeta; o Bandarra profetizou que el-rei D. João o 4º. há de obrar muitas coisas que ainda não obrou, nem pode obrar senão ressuscitando. Ergo" etc. (37)

Anos depois, na *Petição ao conselho geral do Santo Ofício* (38) declara que pretende "mostrar que na Igreja de Deus há de haver um novo estado, felicíssimo, ... em que no mundo todo não ha de haver outra crença nem outra lei senão a de Cristo, para complemento do qual estado se hão de converter todos os gentios e se hão de reduzir todos os hereges e se há de extinguir totalmente a seita de Mafoma e hão de aparecer os dez tribus de Israel que estão ocultos em terras incógnitas e se hão de converter todos os judeus... E no tempo dêste império de Cristo há de haver no mundo um só imperador, a que obedeçam todos os reis e todas as nações, o qual há de ser vigário de Cristo no temporal,... e a cabeça dêste império temporal há de ser Lisboa e os reis de Portugal os imperadores supremos" (p. 68-69) (39).

Neste período final teríamos um bom comentário às palavras "dada ao mundo por Deus, para que todo o mande". O pior seriam as bem fundadas censuras a que exporíamos Camões.

Relativamente à alusão feita à Casa de Áustria, basta notar o seguinte: Nos fins do século XV, o velho imperador da Alemanha, Frederico 3º., vendo os perigos que corriam os seus estados hereditários (o arquiducado de Áustria), mandava reproduzir por toda a parte, nos seus palácios, nos livros, na baixela, etc., as letras vogais, a que dava a interpretação acima referida ou outra correspondente em alemão. Monomania, segundo uns; desejos de manter viva a esperança de melhores dias para a sua casa, afirmam outros (40). Em qualquer dos casos, o facto não nos autoriza a atribuirmos um despautério ao autor de *Os Lusíadas*.

Argumenta ainda o Sr. cónego Sequeira: Se tomarmos "maravilha" como antecedente do relativo "*que* todo o

---

37 — *Obras inéditas*, t. I, 83 - 84. Lisboa, 1856.

38 — Ibid., p. 61 e segg. No texto impresso diz-se por êrro: *ao tribunal do Santo Oficio de Coimbra*. Cf. Lúcio de Azevedo, *História de António Vieira*, I, 61.

39 — Agora já não faz questão de D. João 4º. "Algumas pessoas dignas de toda a fé ...sabem que verdade era dedicar eu este livro (*Quinto Império*) a el-rei D. Afonso 6º.... e concluir, por remate de tudo, haver sua majestade ser o futuro imperador, em quem tivesse princípio o império prometido ao rei do mesmo nome" (D. Afonso Henriques). *Defesa do livro intitulado Quinto Império*, nos *Inéditos* cit. I, 5.

40 — Cf. *La Grande Encyclopédie* (Berthelot) e Leopoldo von Ranke, *Geschichten der romanischen und germanischen Völker*, Leipzig, 1885, p. 69 — 70.

mande", havemos de supor no feminino o particípio "*Dada* ao mundo"; o masculino "*Dado* ao mundo" exigiria para antecedente de "que" o pronome *vós* e assim o verbo devia ser *mandeis* e não *mande*".

Com a emenda "Dado", que é de Manuel Correia, êste particípio concordaria com "novo temor", o 6º. verso formaria um parêntese e estava bem o verbo.

E insiste: "Contrariando ainda aqui o texto da 1ª. edição A, o Padre J. Maria acha que se deve ler "Dado ao mundo por Deus ..", em vez de "Dada ao mundo por Deus.. "

Devo dizer que nunca achei o que nestas palavras se me atribui. As minhas hesitações versaram apenas sôbre "todo o", como acima fica explicado.

E conclui: "Em vista do que temos exposto, parece-nos que a lição do Padre J. M. Rodrigues, além de nova e inútil, não resiste a um exame sério."

Nova, sim; inútil não, porque torna inteligível um passo enigmático de *Os Lusíadas*. Se resiste ou não a um exame sério, di-lo hão os que a sério estudarem o assunto.

Dr. José Maria Rodrigues

REVISTA DE CULTURA

MENSARIO

Redacção e Gerencia: RUA DO CATTETE, 160

RIO DE JANEIRO

Exemplares avulsos na LIVRARIA DE BOA IMPRENSA - Rua da Assembléa, 35 - RIO
— e LIVRARIA ALVES —
e na CASA SANTO ANTONIO — Rua Quintino Bocayuva, 76 A — S. PAULO

TABELLA DE ANNUNCIOS

UMA VEZ { 1 pagina 50$000 1/4 de pagina 20$000 { Nas paginas da capa
{ 1/2 pagina 30$000 1/8 de pagina 15$000 { preços especiaes

Abatimentos: de 2 até 5 vezes, 10 % — de 6 até 9 vezes, 15 % —
de 10 vezes em diante, 20 %

Todos os annunciantes receberão a «Revista» gratuitamente durante a publicação de seus reclamos

Terá uma assignatura gratuita quem angariar cinco assignantes

VOLUMES ENCADERNADOS
DA „REVISTA DE CULTURA"

1º.	volume	(Janeiro a Junho de 1927)	10$000
2º.	„	(Julho a Dezembro de 1927) — raro —	20$000
3º.	„	(Janeiro a Junho de 1928)	15$000
4º.	„	(Julho a Dezembro de 1928)	15$000
5º.	„	(Janeiro a Junho de 1929)	15$000
6º.	„	(Julho a Dezembro de 1929)	15$000

Quem comprar os 6, tê-los-á por 80$000, já incluidas as despesas do Correio.

Pedidos á Administração da "Revista de Cultura"

Rua do Cattete, 160 — Rio de Janeiro

UNIVERSITY OF ARIZONA LIBRARY

Gaylord
SPEEDY BINDER
Syracuse, N. Y.
Stockton, Calif.

PQ9224. R636
a39001 0041824016

PQ 9224 R636
RODRIGUES, J. M*SOBRE A INTERPRETACAO DE U

INSERT BOOK
MASTER CARD
FACE UP IN
FRONT SLOT
OF S.R. PUNCH

MASTER CARD

UNIVERSITY OF ARIZO
LIBRARY

APR 29 1968